

Uma alcunha pode parecer desrespeitosa para lembrar alguém que foi um padrão de bondade, de dedicação, de honestidade, de espírito público. Mas nem sempre as fórmulas sociais respeitadas são aquelas que melhor nos falam as corações. Expressões que usamos em meninos, apelidos que se adaptam a um mocinho que das futilidades da juventude passou a um emprego em agência bancária com um grande peso de responsabilidade para um moço de caráter que via nas suas funções um encargo de responsabilidade, permanece pela vida a fora, marca-o com a afetividade dos tempos aureos da adolescência cuja lembrança não mais se apaga para aqueles que souberam querer bem e que ligaram seus corações com afinidade de sentimentos.

O Zé do Banco mocinho, soldado do Tiro de Guerra 176, que fez o policiamento da cidade, com todos os componentes do Tiro onde cumpriam seu dever militar tomando as reservistas do Exército Brasileiro; o Zé do Banco amigo lial companheiro alegre, forte valente e decidido, da mais equilibrada personalidade deste seus verdes anos, serviu Campinas já em quando toda a granicão de polícia foi retirada desta cidade para centros de maior agitação, quando a nossa terra foi entregue a nós, moços do Tiro, única organização militar que podia garantir a ordem para sossego das famílias.

Campinas o quartel de polícia, na rua Marechal Aldeias esquina de José Paulino, e a prisão da Cadeia, guardando os presos e atendendo os delegados. Durante a noite, fazíamos ronda pela cidade, o que não era nenhum sacrifício, porque as famílias, reconhecidas pelos serviços que prestávamos, gostavam de nos obsequiar, oferecendo-nos uma bebida, um chá com bolinhos, doces, guloseimas e, o que era melhor, o sorriso e os olhares doces dos garotos da época que se encontravam com um rapazinho de farda.

Naqueles tempos, o namoro era bem mais difícil; os encontros só nos bailes e festas, ou nos cinemas quando já os irmãos ou irmãs da namorada estavam de acordo; havia o namoro sério, de compromisso que terminava, como se dizia da muito tempo, em banco de igreja, em casamento. Mas também havia o namoro fútil, o flerte, entero passageiros, só para a ocasião e que os rapazes mais afortunados e mais volúveis, dispunham em maior quantidade, para todos os encontros sociais. Policiando, não faltavam os flertes que ficavam nos portões ou nos janelos das casas, conversando levemente, se possível, ou trocando uns olhares profundos explorados de sorrisos encantadores. Mas passou a agitação social, voltou a tropa policial e nós (naquele tempo caderneta) de reservista.

Zé do Banco foi também esportista. Fundador e sócio ativo e frequente do clube de Regatas, esportiva e recreativa, competindo e animando com a sua atividade incansável e criadora o clube do qual, além de sócio fundador, foi também diretor. ~~Apesar~~ O clube só dispunha de sede a beira do rio em Sousa, e lá se realizavam esplêndidas festas, pequeninas e danças, como complemento e repouso nas competições esportivas. O Zé do Banco namorou, nos namoros sérios, uma componente de beldade, irmã e grande do seu marido exemplaríssimo e amoroso.